

## ATUAÇÃO DO PIBID DE GEOGRAFIA: A GINCANA EM SALA DE AULA COMO POTENCIAL PEDAGÓGICO NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Arlane Santos de Lima <sup>1</sup>  
Renata Nunes Azambuja <sup>2</sup>

### INTRODUÇÃO

A ciência geográfica assume um papel de grande importância dentro das salas de aulas pois, essa auxilia os indivíduos a compreenderem melhor o mundo em que vivem, ajuda a enxergar e investigar o seu entorno de forma mais crítica e específica, além de atentar às relações e às inter-relações do mundo globalizado. Contudo, dentro desse viés também nos deparamos com o ensino da Geografia que, na sala de aula, pode soar como nada interessante e ou instigante ao aluno, fazendo com que essa, em muitas vezes, seja encarada somente como mais uma disciplina. Desse modo a Geografia, que não é pautada, como muitos pensam, na mera descrição da terra, acaba não assumindo sua função pedagógica e assim pode-se acabar por falhar na missão de fazer o aluno formar pensamentos críticos e inter-relacionais sobre o que o cerca, tanto em nível local quanto global. A prática dessa disciplina dentro das escolas não deve ser posta como a simples memorização de dados ou somente apontamentos sobre localização. É válido entender sobre o quanto é vasto e rico o campo da Geografia e como este deve sempre ser abordado, para um maior interesse, de modo lúdico e próximo, ou seja, não usando somente para descrever o que acontece do outro lado do mundo, pois, o ensino também deve se estabelecer a partir das vivências do aluno. Um ensino que não se pauta em práticas pedagógicas pensadas de modo a colocar o aluno como agente participativo do processo ensino-aprendizagem não é significativo e nem estimulante ao desenvolvimento deste, onde a capacidade criativa e assimilativa do aluno pode acabar por ser desprezada. Com a finalidade de compreender esta relação entre o ensino de Geografia e práticas pedagógicas inovadoras, buscou-se referências nas obras de LACOSTE (1987); CALLAI (2002); FREIRE (2008); SILVA e SILVA (2012); PELLIZARI et al (2002) e DUARTE (2016), além é claro, das experiências vividas até então no PIBID (Programa institucional de bolsa de iniciação à docência).

A atuação do PIBID, na busca por práticas pedagógicas mais eficiente, pode ser vista como um meio que, ao mesmo tempo contribui para a formação docente e traz à sala de aula, através de dinâmicas e atividades lúdicas, novos meios para se apreender a disciplina em questão. Assim foi feito na Escola Estadual Profª Neyde Mesquita, localizada no município de São Cristóvão - SE, a partir do assunto “Globalização” discutido pelos alunos do 8º ano, pois, segundo DUARTE (2016) “O ensino diferenciado com metodologias inovadoras ajuda e pode mudar a realidade do ensino brasileiro, contribuindo para dinamizar e enriquecer as aulas, chamando atenção e despertando o interesse dos alunos para o conteúdo proposto pelo professor”. O presente estudo teve como objetivo, relatar experiências vivenciadas no contexto do PIBID de Geografia através da realização de uma oficina em forma de gincana, realizada dentro da sala de aula. Nesta atividade, buscou-se por meios lúdicos e criativos, explorar a participação do aluno como agente ativo no processo de aprendizagem.

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Geografia da Universidade Federal de Sergipe – UFS/São Cristóvão - SE, Bolsista do PIBID/CAPES/UFS, [arlaneliim@gmail.com](mailto:arlaneliim@gmail.com);

<sup>2</sup> Professora Dra. Renata Nunes Azambuja, Universidade Federal de Sergipe - Departamento de Geografia/São Cristóvão, Coordenadora de área PIBID/Geografia/UFS - SE, [renatageo.ufs@gmail.com](mailto:renatageo.ufs@gmail.com)

## METODOLOGIA

A oficina proposta<sup>3</sup> foi realizada em dois dias, tendo seu início marcado por apontamentos sobre globalização, além da dinâmica da “Teia Globalizada”. No segundo momento, em uma aula posterior foi executada a “Gincana Globalizada”. Para a realização da atividade “Teia Globalizada”, a sala foi dividida em filas, onde utilizando-se um barbante, os alunos foram entrelaçados, dando origem a uma teia por todo o espaço, interligando de diversas formas todas as filas. Cada fila teve como objetivo representar um continente e cada uma recebeu seu nome entre África, Europa, Ásia, etc. À medida que a teia era tecida, as explicações foram apresentadas, bem como as indagações à turma também. O objetivo principal desta primeira parte da atividade foi mostrar como o mundo está completamente interligado e que aquilo que acontece tão distante geograficamente pode “parecer” próximo, devido ao advento da tecnologia.

Na aula posterior foi realizada a “Gincana Globalizada” sendo esta constituída por 4 provas que ocorreram dentro da sala no tempo de 01h 40min de aula, onde os alunos mostraram grande interesse em participar de cada etapa. A gincana ocorreu como forma de revisão sobre os assuntos já trabalhados em sala nos dias anteriores, sendo esse: A globalização e seus aspectos. A atividade foi pensada como forma de instigar a curiosidade e assim aproximar o assunto estudado à realidade vivenciada por eles todos os dias. Desse modo foi utilizado o método expresso por Callai (2002) de associação dos fatos locais aos fatos globais, de forma que seja entendida a importância de estudar a categoria lugar para que se possa compreender o mundo.

Para a realização desta segunda etapa, a sala foi dividida em duas equipes, identificadas como equipe verde e equipe azul. Antes de se iniciar a atividade foi explicada as regras básicas da disputa, elencadas da seguinte forma: 1. Os participantes não podem soprar a resposta para o integrante; 2. Os adversários não podem atrapalhar durante a resposta do outro grupo com conversas paralelas. A dinâmica foi composta por 4 provas, a saber: Jogo de Caça Palavras, Disputa de mímica, Telefone sem fio “Fake News” e Missão Musical.

Para a realização do Jogo de caça palavras os alunos foram levados a discutir um pequeno texto sobre globalização e tecnologia, no qual foram destacadas as palavras-chave que deveriam ser encontradas no caça palavras, como por exemplo, “transformações, comércio, informática, etc.” Cada termo encontrado foi analisado pela turma através de indagações lançadas para eles, tais como: “O que faz desses termos palavras-chave para se entender a globalização?”, “Algum desses termos estão presentes em minha vida?” “Como entende-los dentro do mundo globalizado?”.

O segundo jogo realizado através de mímica, foi executado a partir da extração de algumas palavras-chave anteriormente discutidas. À medida que os alunos acertavam a palavra novamente era aberta uma discussão acerca de seu significado.

O terceiro jogo teve como objetivo discutir a disseminação de Fake News através da brincadeira Telefone sem fio. De modo bem simples, integrantes das equipes foram dispostos em duas filas por onde a informação passada do primeiro ao último percorreu. Logo em seguida foi discutido sobre como a “era do fake news” pode impactar a nossa vida, desde o contexto local ao global.

Como última etapa da Gincana Globalizada utilizamos “Missão musical”, que consistiu na leitura de uma letra de música, elaborada anteriormente pelos bolsistas, a fim de trabalhar o tema globalização. Nessa atividade a criatividade foi quem valeu, pois, foi dado um quantitativo

---

<sup>3</sup> Financiamento: PIBID/CAPES; UFS

em minutos para que cada um dos grupos criasse e apresentasse em sala a sua versão rítmica da letra. A intenção era deixar a música bem harmoniosa para que essa fosse usada, como instrumento pedagógico para revisar os assuntos estudados. Neste momento foi frisado pelos alunos aspectos como músicas, filmes, marcas, idiomas e produtos que são de lugares, geograficamente, distantes, mas que se apresentam muito perto deles exatamente por esses estarem inseridos no contexto do mundo que é cada dia mais interligado.

## DESENVOLVIMENTO

Ao realizarmos um diagnóstico de turma, no 8º ano do Colégio Estadual Profª Neyde Mesquita, turma na qual o PIBID/Geografia atua, perguntamos aos alunos qual a opinião deles sobre a disciplina de Geografia. Fazendo uma retrospectiva de todos os anos escolares, muitos responderam que não gostavam da matéria e que frequentemente apresentava-se como uma matéria chata. A opinião dos alunos sobre essa determinada matéria de ensino escolar não nos surpreendeu, visto que, essa questão da Geografia se apresentar como “simplória e enfadonha” (Lacoste, 1997), já é discutida há muitos anos. O caráter decorativo que a disciplina acaba adquirindo em sala de aula é algo a ser levado em conta para que esse seja superado. Os alunos, ao entrarem em contato com a Ciência Geográfica, tem a necessidade de conhecer e saber como usar a Geografia ao seu favor no dia a dia, ou seja, conseguir analisar, criticamente, o espaço que o cerca, pois, essa disciplina, que pode e deve ser levada para fora da sala de aula serve muito mais do que somente “Para fazer a guerra” (Lacoste, 1997). Nesse contexto, é necessário que o professor se aproprie de metodologias mais dinâmicas e participativas em sala de aula, aspectos que foram explorados na realização da gincana.

É sabido que um assunto que não coloque o aluno como agente participativo é um ensino que pode ser falho. Segundo Freire (2008, p. 96): “Somente o diálogo, que implica em um pensar crítico, é capaz, também, de gerá-lo”. Dessa forma entende-se que o aluno também pode ser visto como peça-chave para que o ensino aconteça de modo positivo. Quando essa forma dialógica não se expressa, podemos estar sendo reféns de uma mera educação bancária que, de acordo com Freire (2008, p. 65): “Nela, o educador aparece como seu indiscutível agente, como o seu real sujeito, cuja tarefa indeclinável é “encher” os educandos dos conteúdos de sua narração. Conteúdos que são retalhos da realidade desconectados da totalidade (...)”. Um grande cuidado ao se idealizar a gincana proposta foi o de como poderíamos explorar a dialogicidade na sala de aula, não deixando as informações transcorrerem simplesmente do professor para o aluno.

Uma grande observação sobre o assunto discutido é o de que com a prática bancária da educação não se é possível atingir uma aprendizagem que de fato seja significativa, ou seja, o fato dos conteúdos estarem simplesmente sendo decorados não expressa sucesso no processo pedagógico. A respeito da aprendizagem significativa e da aprendizagem mecânica Pellizari et al (2002) afirmam que a aprendizagem torna-se significativa quando o professor incorpora o novo conteúdo a própria vivência do aluno, dando significado ao conhecimento que este previamente carrega consigo. Quando não há essa correlação, segundo os autores, o aluno tende a achar o conteúdo enfadonho e passa a armazená-lo de forma isolada, gerando associações arbitrária na estrutura cognitiva.

Dessa maneira, frise-se a fundamental importância de fazer o aluno ser, assim como o professor, protagonista do processo de ensino-aprendizagem, pois, para que a aprendizagem não seja mecânica é necessário que as informações novas sejam interligadas com as que esses alunos já trazem. Por este motivo podemos considerar que é muito interessante neste processo se trabalhar com a análise local, ou seja, aproximar os fatos estudados ao cotidiano do aluno, como foi buscado na aula realizada quando se era pedido para pensar o assunto no contexto

espacial de cada um. Essa forma faz com que os exemplos sejam mais reais, observáveis e palpáveis e assim o processo de aprendizagem significativa acontece de modo muito mais fácil e instigante. Callai (2002, p. 84) diz que: “Na literatura geográfica, o lugar está presente de diversas formas. Estudá-lo é fundamental, pois ao mesmo tempo que o mundo é global, as coisas da vida, as relações sociais se concretizam nos lugares específicos”. Com pequenas indagações feitas durante a dinâmica foi possível fazer os alunos analisarem em escala local vários aspectos que poderiam estar sendo apenas pensados de modo abstrato.

Para a realização da atividade foi também destacada a grande importância do lúdico, do jogo, da dinâmica como instrumento pedagógico. Os alunos, em sua maioria tem sua aprendizagem composta somente por uma grande quantidade de aulas expositivas, com o recurso do quadro, giz e livro didático. Essa prática pode levar, na Geografia, à já mencionada, disciplina “simplória e enfadonha”. Do modo a evitar que isso ocorra é necessário mesclar esse tipo de aula, que também é necessária, com outros meios pedagógicos, que sendo usados de modo corretos, trazem inúmeros resultados positivos. A dinâmica em sala de aula não deve ser encarada somente como um momento de descontração, pois, quando se é planejada estipulando os objetivos, do modo que esses forem sendo alcançados a prática se tornará além de prazerosa, muito eficiente.

Diante disso, Silva e Silva (2012) explicam que a utilização de jogos, brincadeira, construção de maquetes, leituras e análise de figuras/imagens, aulas praticas e de campo, podem dinamizar o ensino de Geografia, fazendo com que o aluno assimile de maneira mais fácil o conteúdo.

Desse modo, a Gincana globalizada foi idealizada para funcionar como meio facilitador da aprendizagem naquilo que se diz respeito a revisar os assuntos anteriormente trabalhados em sala de aula pelo professor. A atividade, utilizando do meio lúdico, instigou ao pensamento crítico por meio da prática dialógica e ao buscar trabalhar, na escala local, com aquilo que o aluno traz e está presente no seu cotidiano, foi uma grande ferramenta para a concretização da aprendizagem significativa.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A organização sistemática de atividades lúdicas como instrumento pedagógico de ensino, como a apresentada neste trabalho, refletiu de maneira muito positiva o envolvimento e o nível de abstração alcançado pelos alunos desta turma. A utilização de conhecimentos multidisciplinares, oportunizou a exploração do raciocínio lógico, de inteligência espacial, linguística, interpessoal e até mesmo musical.

Durante a Teia Globalizada pôde-se falar como era o tempo dos nossos pais e avós, antes do advento tecno-científico-informacional contemporâneo, com o uso intensivo de computadores e celulares. Nesse contexto, a informação demorava para circular e através desses exemplos simples, induzimos os alunos em como pensar há 50 anos atrás, sobre um contexto espaço temporal totalmente diferente. Ao distribuímos folhas de papel em branco solicitamos que suas ideias fossem apresentadas na forma de desenhos, a respeito de como eles entendiam a globalização. Estimulamos dessa forma, que eles utilizassem seus conhecimentos adquiridos até então, através da imaginação e criatividade. Ao serem questionados sobre seus significados, os alunos foram convidados a explicar suas ilustrações, o que quiseram expressar no papel e como enxergavam a globalização a partir do que foi exposto na folha.

Já na Gincana Globalizada, a participação foi intensa de ambas equipes, justamente por se configurar como ao desafiador. Através do desenvolvimento inteligência interpessoal, eles foram estimulados a elencar 3 participantes em cada equipe com a finalidade de cumprir a tarefa de caçar as palavras e tempo definido em 5 minutos. Durante a disputa, o grupo que conseguiu encontrar mais palavras nesse determinado tempo ganhou a prova. No jogo de mímica, por sua



vez, o momento se estabeleceu como de grande diversão na turma, onde um aluno fazia os gestos para que seu próprio grupo conseguisse compreender o que esse queria dizer. Todas as vezes que a equipe acertava a resposta, novamente abríamos para uma rápida conversa sobre essas palavras. A terceira prova idealizada em forma de telefone sem fio foi pensada para abordar o tema dos Fake news, dentro do nosso cotidiano altamente conectado, alertando de maneira muito divertida sobre o poder do uso das notícias e a importância de pensar criticamente sobre determinado fato que é noticiado. Após a atividade os alunos perceberam o quanto é importante checar as informações antes de transmiti-las. Fechando com a inteligência musical os alunos liberaram a sua imaginação incorporando ao assunto, seu modo de vida e afetividade com seu espaço de vivência, manifestado sobretudo pela escolha dos ritmos musicais na reelaboração da música apresentada.

A dinâmica realizada em sala, mostrou como uma aula, que muitas vezes pode não parecer tão atrativa pode ser transformada em uma atividade muito instigante. Foi notável que os alunos, ao serem estimulados a pensar sobre a globalização, trazendo esse contexto para uma escala próxima, se sentiram muito mais seguros para a expressar a fala. Desse modo, percebemos como pequenas ações na mudança de metodologia podem soar como muito positivas, tanto para o professor como também para o aluno. Partindo da idéia de Duarte (2016), o professor não precisa utilizar-se de recursos tecnológicos de alto custo para inserir uma atividade ludica em sala de aula. Isso pode ser feito através de recursos simples, tais como o uso de músicas, poemas, dentre tantos outros, que podem facilitar o processo de aprendizagem. Ao adotarmos esta prática, de baixo custo, com o uso de poucos recursos, percebemos claramente como uma atividade previamente planejada para dois dias de aula refletiu em uma sensível melhora do desempenho dos alunos. Atividade deste tipo podem servir como importantes instrumentos de revisão dos conteúdos, contribuindo diretamente para o bom desempenho dos alunos na unidade estudada.

Outro ponto que nos levou a uma reflexão sobre as práticas tradicionais de ensino foi que não se devemos adotar o livro didático como único material passível de conhecimento, pois, mesmo com toda a importância que esse exerce no contexto escolar, pode também acabar tornando as aulas extremamente teóricas maçantes. Esse contexto, conseqüentemente, leva o aluno a aprender de forma mecânica e, muitas vezes, apenas para obter uma nota suficiente para a aprovação. No âmbito da atividade realizada se pôde perceber que é fundamental mostrar para os alunos que a ciência geográfica se processa em todos os lugares bastando esse olhar à sua volta, dentro da sala, pela porta ou janela desta, o discente estará enxergando Geografia.

Do ponto de vista do estudante de licenciatura, esta experiência demonstrou a grande importância do PIBID em sua formação acadêmica, pelo programa possibilitar um contato contínuo com a sala de aula ainda no início da sua formação. De maneira simultânea temos a possibilidade de confrontar o que está sendo aprendido na universidade com a vivência e prática em sala de aula, através da experiência de iniciação à docência.

Essas e tantas outras questões, ao serem pensadas e discutidas dentro desse contexto nos mostram que é indispensável pensar e repensar o tema educação. É necessário a busca por avanços constantes, seja na formação dos professores ou nas metodologias utilizadas na formação básica. Pensar em melhores formas de fazer, adaptar, criar e assim continuar buscando construir o espaço escolar como um ambiente acessível, instigante, participativo e democrático para todo e qualquer cidadão.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sendo assim, foi explicitado neste trabalho, no âmbito da Geografia, uma análise das práticas tradicionais de ensino e uma nova visão destas sob a ótica da participação do programa institucional de bolsa de iniciação à docência, onde foi frisada a ludicidade como meio possível

de trazer êxito no âmbito escolar. As análises trazem à tona uma série de temas destacados por grandes teóricos de forma que se vê os apontamentos destes como partes que integram em torno de uma mesma problemática, estando eles tratando da Geografia ou do contexto escolar como um todo.

De forma que é necessário buscar, na Geografia, cada dia mais o afastamento de práticas que não tornam o ensino e o aprendizado instigante, seja para o aluno seja para o professor, buscando-se um ensino mais participativo e integrando entre docente e discente aluno, rompendo com o grande degrau que é posto entre eles. Degrau este que define somente o professor como detentor de todo o conhecimento e o aluno como receptáculo. Consideramos que o diálogo deve existir com a finalidade de valorizar o que o discente traz consigo, visto que, trabalhar a escala local possibilitou inserir os alunos no contexto global, ampliando de forma prática, a percepção de vivência dos alunos em um mundo globalizado.

**Palavras-chave:** PIBID; Globalização; Gincana; Lúdico; Ensino-aprendizagem.

## REFERÊNCIAS

CALLAI, H. C. Estudar o lugar para compreender o mundo. In: CASTROGIOVANNI, A. C. (Org.). **Ensino de geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Mediação, 2º Ed, 2000. p. 83-131.

DUARTE, G.S. Construindo o conhecimento geográfico através de recurso lúdico; In: **Anais do XVIII Encontro Nacional de Geógrafos**. São Luís - MA; 2016. Disponível em: [http://www.eng2016.agb.org.br/resources/anais/7/1468289438\\_ARQUIVO\\_artigoeng.pdf](http://www.eng2016.agb.org.br/resources/anais/7/1468289438_ARQUIVO_artigoeng.pdf). Acesso em: 01/08/2019.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 47º Ed, 2008.

LACOSTE, Y. **A geografia, isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra**. Trad. Maria Cecília França. Campinas: Papirus, 4º Ed, 1987.

PELIZZARI, A. et al. Teoria da aprendizagem significativa segundo Ausubel. **Revista PEC**, Curitiba, V. 2, n. 1, p. 37-42. Jul. 2001/Jul. 2002. Disponível em: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/storage/materiais/0000012381.pdf>. Acesso em: 03/08/2019.

SILVA, M. S. F; SILVA, E. G. Um olhar a partir da utilização de dinâmicas como ferramenta para o ensino da geografia escolar. **Caminhos de Geografia**, Uberlândia, V. 13, n. 44, p. 128-139, 2012. Disponível em: [http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/deb\\_nre/geografia\\_escolar.pdf](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/deb_nre/geografia_escolar.pdf). Acesso em: 01/08/2019.